



Revista Filosófica
São Boaventura
ISSN 1984-1728

São Boaventura, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 1-126
janeiro/junho 2010

Fae - Centro Universitário
Instituto de Filosofia São Boaventura
Curitiba 2010



Copyright © 2008 by autores

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

FAE - Centro Universitário
Instituto de Filosofia São Boaventura

Instituto mantido pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus (AFESBJ)
R. 24 de maio, 135 – 80230-080 – Curitiba PR
E-mail: revistafilosofica@fae.edu.

Reitor: Fr. Nelson José Hillesheim
Diretor geral do Grupo Bom Jesus: Jorge Apostolos Siarcos
Pró-reitor acadêmico: André Luis Gontijo Resende
Pró-reitor administrativo: Regis Ferreira Negrão
Diretor do IFSB: Ms. Vicente Keller

Editores: Dr. Vagner Sassi e Dr. Enio Paulo Giachini

Comissão editorial:

Dr. Roberto H. Pich
Ms. Vicente Keller
Dr. Jaime Spengler
Dr. João Mannes
Dr. Marcelo Perine

Conselho editorial:

Dr. Osmar Ponchirulli
Dr. Mauro Simões
Dr. Antônio Joaquim Pinto
Dr. Écio Elvis Pizzeta
Dr. Leonardo Mees
Ms. Solange Aparecida de Campos Costa
Dr. Renato Kirchner

Revisão: Editoria

Diagramação: Sheila Roque

Capa: Roland Cirilo

Catálogo na fonte

Revista filosófica São Boaventura/ FAE - Centro Universitário
Franciscano do Paraná. Instituto de Filosofia São Boaventura.
v. 1, n. 1, jul/dez 2008- . Curitiba: FAE - Centro
Universitário Franciscano do Paraná, 2008-
v. 23 cm
Semestral
ISSN 1984-1728
1. Filosofia – Periódicos. I. FAE - Centro Universitário. Instituto de
Filosofia São Boaventura.

CDD - 105

Notas a respeito de educação

Gilvan L. Fogel*

1. É com vergonha, é escondendo mãos e cara que escrevo o título e inicio estas breves considerações. Vergonha, pois, apesar de professor, preciso confessar que entendo muito pouco de educação. Mas creio ser este o caso de muitos, talvez da maioria dos professores. Sabe-se que são muitos os professores, os docentes, e poucos, raros os mestres, entenda-se, os verdadeiros educadores. E é perfeitamente possível, e mesmo corrente, ser um grande educador sem entender, isto é, sem ser *versado, culto e bem informado* a respeito do tema. Em geral, é isso que acontece. Pressionado, porém, não deixo de emitir algumas poucas e vagas opiniões sobre o tema. Opiniões que não deveriam ser publicadas, mas permanecer no recinto da conversa íntima, pois a publicação já dá ares de solenidade e lembro-me de Montaigne afirmar não haver mal nenhum em se dizer bobagens, tolices (“sottises”) – o mal estaria em dizê-las com solenidade. Mas, enfim, aí vão as opiniões curtas e breves – sem solenidade, espero.

2. Começo ponderando que o tema “educação” costuma vir à baila no âmbito da chamada “filosofia da educação”. A filosofia, desde seu nascedouro grego, sempre foi um esforço de compreensão de realidade. Isso vem expresso na fórmula canônica “amor ao saber” e também “amor à verdade”, à busca da verdade. A verdade é o real na sua realidade ou no movimento de sua realização, isto é, na sua essência.

* Professor de Filosofia do IFCS, UFRJ.

Educação, educar, fala de levar, conduzir para. Também isso, educação, esta condução do homem, foi realização grega, principalmente em torno do século V a. C., no contexto da sofística, aí incluídos Sócrates e Platão. O que chamamos educação, o grego chamava "paideia", que costumamos também traduzir por "formação". Aqui, porém, é preciso entender "formação" no sentido preciso, verbal, de *dar forma, enformar*, mesmo *cunhar, modelar*, e isto no sentido de *determinar*. Entenda-se, pois: dar forma ou determinação ao homem, formar, en-formar a sua humanidade, a sua *hominização*. "Paideia", formação, isto é, encaminhar, pôr (o homem) a caminho, num caminho – o da verdade do homem para o próprio homem.

Através desta formação, "a paideia", o grego visava a conquista da "areté", isto é, da virtude, que, tal como "valor", quer igualmente dizer "força". Através da educação, a *areté!* Não que educação fosse *meio* para se atingir um fim (a *areté*); um instrumento para se obter uma meta, um objetivo, a *areté*, que estivesse projetado e programado *fora e além* da educação e que fosse outra coisa (idealizada!) que a própria educação, *paideia*. Não. A educação, *paideia*, já é *areté*. O movimento para a *coisa* já é a própria *coisa*, isto é, o movimento para a *areté*, a *paideia*, já é ele mesmo *areté*. *Areté* é, pois, formação, educação; educação, formação, é, pois, *areté*. E *areté*, dizendo virtude, força, claro, não pensa ou subentende força no sentido bruto ou físico, mas força no sentido de força de ânimo, de alma, que é força vital, vitalidade. Isso, para o grego, está ligado à *excelência*, à *nobreza* ou ao *aristocrata*, isto é, ao *forte*. Mais uma vez, aristocracia, nobreza, aqui, são termos que, de modo algum, tem conotação étnica, social ou política, mas, sim, antes, filosófico-vital ou existencial. Referem-se pois à essência do homem, à vitalidade humana. Nobre, aristocrata, *forte*, é o homem *mais* homem, isto é, aquele que mais decidida e mais essencialmente realiza a sua humanidade. Educar é cultivar isso, *cuidar disso*.

Nesse contexto, a educação, a "paideia", visa conquistar e realizar a "areté" e isso através da transformação do homem pelo homem, ou seja, através da transformação da humanidade do homem pelo próprio homem e isso quer dizer: através de seu saber radical ou fundamental a respeito da realidade como um todo e de si próprio, em particular – isso, porém, é a filosofia. E aqui, agora, começa-se a entender a expressão "filosofia da educação", de cunhagem recente, como a conjugação das duas noções.

O caminho de realização desta proposta ou deste ideal grego, sendo norteado pela filosofia, pelo saber essencial ou radical, se faz pela via da conquista da verdade no exercício da liberdade. O caminho é, pois, a verdade e a liberdade. Melhor: a liberdade *para* a verdade ou, ainda, a verdade como realização e concretização da

liberdade. Isso, a saber, este ideal, esta conjugação de saber, condução da vida, verdade e liberdade – a excelência (“areté”) da vida! –, que o Ocidente herdou dos gregos e que moderna e contemporaneamente se converterá no propósito implícito na “filosofia da educação”, foi exemplar e emblematicamente formulado no “mito da caverna”, de Platão.

Desde esta formulação de um projeto educacional humanista (a Grécia clássica, os sofistas), este, *grosso modo*, se tornou ideal e norte de praticamente todas as épocas da história ocidental-européia e, *grosso modo*, praticamente quase todos os filósofos, quase todas as escolas filosóficas, uns ou umas de modo mais explícito e outros ou outras menos, se ocuparam e pré-ocuparam com temas-problemas de educação, de formação, inseparáveis do humanismo, entendendo-se este como o(s) movimento(s) de promoção da humanidade do homem a partir de uma certa pré-compreensão-definição deste próprio homem. Neste sentido amplo e geral, foram preocupações de gregos, de medievais, modernos e o é dos contemporâneos. Na modernidade e na contemporaneidade, chama a atenção a Alemanha e seus pensadores, de Leibniz e Kant até Heidegger, passando por Hegel, Schelling, Schopenhauer e Nietzsche. Todos tematizaram o problema da educação.

3. Hoje se fala da informática na educação. Fala-se da educação na era da sociedade informada e informatizada, forjada pela informação instantânea e, quantitativamente, quase infinita. Fala-se de revolução na educação a partir do poder transformador da informática. Associa-se a isso, com razão, o fim do lápis, da borracha, do giz, do quadro negro, do caderno, do livro, discute-se o prazo de validade do professor, com a entrada na sala de aula (?!) e a expansão do computador portátil. Cada aluno, e também cada professor, com seu respectivo *laptop*. A partir disso, fala-se de educar para o tempo, para a época e, mais, para o futuro. Mas o futuro, no caso, não passa do presente projetado e super, e hiperdimensionado. O tema da educação, agora, é a tecnologia da informação e a *internet* como as novas *ferramentas* na arte do ensinar e do aprender, a velha educação – e nisso e no daí decorrente uma revolução sem precedentes. Em meio a tudo isso, muito exercício de futurologia, de adivinhação, de mirabolantes projeções, às vezes escatológicas, até mesmo um pouco de jogo de búzios e de cartas. Faz-se um verdadeiro frenesi em torno do futuro, isto é, do superpresente, e da revolução educacional, p. ex., a partir do *laptop*.

4. Bem, é possível que educar, tal como pensar, não seja algo que se faça, seguindo a *corrente* e a *onda*, isto é, indo solto e largado a favor, ao encontro do tempo, da época, mas, antes, indo *contra* o tempo, *contra* a época. O educador, tal como o pensador, talvez precise ser o que Nietzsche chamou, designando o pensador, “a

consciência malvada de sua época”, “o crítico e o sátiro do momento”. E isso não por caprichoso bel-prazer, mas para manter o tempo, a época alerta, *viva, acesa* em relação a si mesma, a seu próprio tempo ou época, isto é, em relação a seu passado, presente e futuro.

Mas o que seria isso: pensar (e educar) contra seu tempo, contra sua época? Não deve ser por meros ideais libertários e revolucionarescos. Não deve ser por uma pura e simples autoafirmação reativa. Mas ... Mas o que? Como?

Retifiquemos e melhoremos um pouco este encaminhamento. Pensar (e também educar?) é sempre pensar *com* um tempo, *com* uma época, a saber, a minha, a nossa, a de cada um, e também *contra* este mesmo tempo, esta mesma época. Assim, pensar (educar?) é um ir ao encontro e um ir contra, quer dizer, é, precisa ser, ao mesmo tempo, compreender e desestabilizar, fazer e desfazer, construir e desconstruir – o tempo, a época. Nesse sentido, pensamento, enquanto o diagnóstico e o prognóstico do tempo, da época, e educação, a *condução* de um tempo, de uma época, de uma geração, devem andar juntos, compassados. Assim sendo, a educação, assim como o pensamento, não deve ser a porta-voz oficial e mesmo a advogada e a ratificadora, *endossadora* das idéias vigentes ou dominantes, melhor, das *opiniões* de uma época. Em suma, a educação não deve ser a defensora, a propagadora e a propagandista do que se chama, em sentido pejorativo, a ideologia de seu tempo, de sua época, ou seja, o que no tempo, na época, se diz, se pensa, se fala a torto e a direito e, assim, se torna como que o uni-forme, a farda da época, do tempo. A educação, assim como o pensamento, não pode, não deve vestir este uni-forme, esta farda, empunhar esta bandeira...

5. A opinião vigente, a idéia fixa da época, isto é, o uniforme, a farda e a futilidade do tempo é a informação. Hoje se diz e se pensa que conhecimento é informação e que educar é, deve, precisa ser transmitir, divulgar e aumentar conhecimentos, ou seja, acumular informações. Opções! Quanto mais *memória*, mais conhecimento, mais *educação*! Peito estufado, boca cheia, fala-se de produzir conhecimentos, isto é, gerar informações. Isto provoca um culto e uma beataria da, pela informação. Portanto, diz-se, acha-se, informação é conhecimento e adquirir e gerar mais e novos conhecimentos é acumular, *capitalizar* (memória!) mais e novas informações, quer dizer, *dados*, pois informação, por princípio e definição, é o dado, ou seja, o feito, o cristalizado. O informado na informação é o registrado, o fixado ou o coisi-ficado no dígito, como dígito.

Pois bem, *contra* isso há que pensar; *isso* é preciso desestabilizar, e educar precisa ser um levar e um conduzir *contra* isso, a saber, contra a defesa e a consolidação de

um tal modo de ser e de pensar, que se transforma na defesa, na propagação e na consolidação do cadáver, da morte – a morte da vida, que, por seu lado, é essencialmente *criação*. O *contra* é a favor da criação. Este, esta é o **sim**. Só na dimensão da criação é preciso conceber o verdadeiro conhecimento e compassado com este modo de ser, a criação, precisa andar e falar a educação.

Suposto que informação seja a transmissão do feito, do dado e, então, do morto e que, portanto, não pode constituir o verdadeiro, o autêntico conhecimento, é preciso, é saudável que se faça um certo ceticismo, um pouco de desconfiança e de descrédito em relação ao furor e à beataria da *internet*, em relação ao furor da *pesquisa* (*internet* e *pesquisa* são identificados, com razão!), que não passa de acúmulo, de entulhação de informações, de dados. Esta atividade desenfreada, compulsiva, na melhor das hipóteses, é distração ou do tédio ou do furor, melhor e mais precisamente, é cumprimento do furor do tédio (o “aborrecimento humano” é “voluptuoso”, já disse Machado de Assis!), convertido em pesquisa (memória!), jamais gerando o verdadeiro conhecimento, o autêntico saber, desde e como criação.

Façamos uma retificação e uma concessão. É verdade que a vida, a criação, não podem abrir mão do feito, do dado, pois este ou isto é seu necessário ponto de partida. Assim, a partir do dado, vida recebe e transmite, herda e lega. Ela precisa, porém, do feito e do dado para superá-los, para ultra-passá-los, enfim, para perdê-los, esquecê-los e assim, leve e faceira, poder se *auto-pro-mover*. Isso é criação. A perda, o esquecimento, o abandono e o desentulhamento são constitutivos da criação, da espontaneidade vital. A disposição da criação, o só que precisa ser promovido e fomentado pela boa educação, ensina a, no tempo certo, perder, abandonar, largar – esquecer. Tal disposição ensina a, saudavelmente, ou seja, em favor da *saúde*, não mais precisar daquilo que, no acúmulo, entulha, paralisa, embota, enfim, mata. Assim sendo, em relação à informação, ao feito (ao dado, ao realizado), é preciso dele precisar para imediatamente dele abrir mão, jogá-lo fora, desfazer-se dele, perdê-lo, esquecê-lo, para não entulhar, não asfixiar, e, assim, inibir e mesmo paralisar a ação, a atividade criadora. É preciso poder *viajar*, *navegar* pela *internet*, nosso super, nosso hiper, nosso panmercado, como Sócrates, o grande educador, altivo, orgulhoso, mas também sóbrio, simples, cheio e seguro de si, andava pelo mercado na *ágora* de Atenas, contemplando admirado, mas dizendo satisfeito: “Quanta coisa que eu não preciso!”

6. Incluído como um aspecto do educar para o tempo, para a época, entende-se também educar para a vida e sob educar para a vida costuma-se entender e subentender o educar para a sociedade, para a sociedade constituída, com suas necessida-

des e exigências. Também aqui, para a saúde da sociedade e da educação, aplica-se aquele princípio do pensar-educar *contra*.

É louvável, é mesmo necessário uma dose de pragmatismo educacional e social, p. ex., indo ao encontro de certas necessidades sociais, introduzir no ensino, a certa altura da formação do jovem, a profissionalização. Escolas técnico-profissionais são necessárias, úteis e precisam ser implantadas e cultivadas.

Por outro lado, a formação, a educação voltada para a preparação do ingresso nas universidades, me parece, não deve se submeter às exigências do profissionalismo acadêmico, isto é, às reivindicações estreitas que visam atender ao *mercado* e aos chamados *profissionais liberais*, "executivos", deixando correr solto, sem eira nem beira, o pragmatismo e o *carreirismo*. Alimentar isso é coisa pequena.

Vê-se muitas escolas, de classe média e alta, subservientes a este pragmatismo e carreirismo, servis à coletividade definidora de *ondas* e de *correntes* de profissões e de carreiras. Parece-me, nada mais decadente e desvirtuante do que a identificação de educação com um tal pragmatismo e imediatismo sociais, voltados para a tal carreira, para o *sucesso social*, enfim, o carreirismo que, em geral, *forma*, isto é, produz e gera deformando e degenerando, um tipo, claro, socialmente bem ajustado, bem adaptado, bem-sucedido e que costuma ser, sobretudo do ponto de vista da vitalidade, um tipo certo, melhor, *certinho*; um tipo aseado, limpo – *limpinho*; ajustado – *ajustadinho*; bom – *bonzinho*! É, costuma ser o protótipo, o arché-tipo do idiota, do medíocre – mas bem-sucedido!

Todo processo educacional, de condução de uma vida, mesmo no nível das escolas técnico-profissionais e na preparação para a universidade, visando a formação dos chamados profissionais liberais, me parece, deve deixar *brechas* e fomentar ocasiões para muitas e grandes *inutilidades*. Não sei, não saberia enumerar quais, mas inutilidades próprias do espírito livre, lúdico e criador (mostrar o próprio saber, o próprio ver e o próprio compreender como dimensões lúdicas da vida, do homem), para ventilar, para arejar e transformar (revolucionar!) também o profissional, a profissão, que costuma ser a atividade que se faz, que se cumpre de maneira automática, certa, certinha, seguindo à risca o manual e a bula, sem nenhuma reflexão, melhor, sem inovação ou criação alguma. As *inutilidades* podem abrir caminho para estas inovações, para verdadeiras renovações no âmbito da esclerose de uma profissão, ou seja, renovações e transformações no âmbito do próprio automatismo profissional, inaugurando assim a alegria de um caminho nunca d'antes percorrido, de um mar nunca d'antes navegado...

7. Falando-se de informática na educação, de tecnologia da informação, de escola-educação informatizada e de aluno e professor, cada qual, com seus respectivos computadores portáteis a tiracolo, fala-se de educação “para os desafios do mundo novo”, do “mundo futuro”.

Em meio a isso, não cabe recusar ou desdenhar as evidentes, as incontestáveis conquistas em recursos técnico-materiais, virtuais, que evidentemente estão além do giz, do quadro negro, do caderno, do mapa-múndi plano, pendurado e chapado na parede, do singelo e, hoje, primitivo desenho do núcleo da célula na página do livro etc. etc... Em meio a tudo isso, o que se contesta, o que é preciso provocar para uma grave desconfiança, é a *superestimação da informação*; a carga, mais, a sobrecarga até à exclusividade da informação no educar.

Antes de voltar a isso, porém, uma pequena observação. Falando de futuro, de mundo novo, novíssimo, fazendo, como já dito, futurologia, com fantásticas antecipações, previsões escatológicas, enfim, falando euforicamente disso, vem-nos ainda uma ponderação de imediato senso comum: o mundo novo, o *admirável mundo novo*, também é velho! Aliás, não seria, não poderia ser novo, se não fosse igualmente velho! O mundo futuro é também passado – não seria, não poderia ser futuro, não fora, de algum modo, presente e passado! Idem em relação ao homem e à educação.

Assim sendo e dando-se um pouco de crédito ao Conselheiro Acácio, isto é, ao óbvio, ousa-se dizer que pelo menos duas coisas parecem estáveis neste mundo nebuloso, volúvel e volátil do futuro: a) no futuro, tudo indica, o homem será homem; b) no futuro, tudo indica, educação será educação.

Isso parece ser elementar. Para este elementar queremos chamar a atenção. Cabe voltar-se para o elementar e perguntar-se, re-perguntar-se, sempre: O que é o homem? O que é a educação? É preciso alguma orientação clara a respeito do elementar. Elementar, lembremos, é o que constitui o próprio elemento, o próprio *medium* de alguma coisa. Neste sentido, o elementar é o essencial. E essência não é um algo recôndito, um indeterminado X *atrás e além* das coisas. Afinal, não é sequer nenhum *algo*, mas a própria coisa se realizando, se fazendo, vindo a ser isso que ela é. Essência é o que, apesar de todas as mudanças e *sobretudo graças a todas as mudanças*, permanece e precisa permanecer e, enquanto tal, precisa ser cultivada e promovida para que a coisa permaneça e insista nisso que é, que precisa ser ou vir a ser. Essência, portanto, fala o que a coisa propriamente é ou o que está sempre necessariamente sendo, a cada passo, a cada instante, a cada ato de seu vir a ser, de seu fazer-se ou existir. Essência é o verbo-coisa. Então, algo imediato e concretíssimo.

Ao abrirem-se estas considerações/anotações, vimos que o grego, buscando essência, encontrou o caminho de realização da transformação da humanidade do homem (o homem vindo a ser homem desde sua essência, como essencialização de sua essência) através da “paideia”, da educação, e esta, igualmente em sua essência, se fazendo através do cultivo do saber radical ou essencial, a filosofia, que, por sua vez, se realiza pela conquista da verdade no exercício da liberdade. Dissemos, então: “O caminho é, pois, a verdade e a liberdade. Melhor, a liberdade *para* a verdade ou, ainda, a verdade como realização e concretização da liberdade”.

Um dos aspectos reveladores da liberdade, em constituindo a essência do homem, é ver no homem *coisa* nenhuma, *algo* nenhum, mas só e tão-só um poder-ser, uma aptidão que se revela um insistente movimento de transformação e de alteração (= vir a ser outro!) desde si e para si (é isso *vida!*) e que se chama *criação*. É da essência da liberdade humana a criação.

Toda educação, em sendo essencial e em sendo exercício da liberdade que é o homem, precisa ser aceno, insinuação, convite à criação. Educar, acompanhando a essência do homem, co-fazendo-a, precisa ser sempre um *despertar* para a criação. *Despertar* via aceno, insinuação, convite, pois ninguém, a rigor, ensina, pode ensinar criação.

Mas porque é e precisa ser despertar para a criação – por isso, educar só pode, só precisa ser algo, ainda que a partir de informação, de dado ou de *coisa*, *além*, *para além* da informação. A educação não pode, pois, ser algo centrado, concentrado, uni-formizado na informação, isto é, norteado por aquilo que é cristalizado, fixado, coisi-ficado no dígito, como dígito e assim passado e repassado adiante como coisa feita, como dado, como cadáver e fóssil. A informação é justo o que precisa ser perdido, abandonado, esquecido. É preciso não precisar, *poder* não precisar dela.

8. Educar, formar. Educação, formação – a ação, a atividade de dar forma, de *enformar*, que é, sim, modelar, cunhar um *caráter*. Esculpir um homem. Como entender isso, este trabalho, este esculpir?

De imediato, a tendência é imaginar que se deva planejar e realizar um plano, um projeto ou um programa, p. ex., um tal ou tal projeto educacional. Ou seja, imagina-se educar, formar, como se fora perseguir um ideal, uma meta, subentendendo tal meta como se fora o mencionado plano ou projeto que *fixa um ponto em algum lugar* e que, então, se põe a perseguir, a correr atrás deste ponto para preencher o ideal, o plano, a meta, isto é, o *estereótipo*. Os chamados “humanismos” costumam proceder assim. Mas isso, a saber, tal procedimento, é sempre princípio de degradação, de degeneração, de *de-formação*. Não.

Para educar, no sentido grande de formação, de *enformar*, ou seja, de encaminhar para a conquista da *excelência* do homem, da vida – para tal, é *preciso não ter “objetivo” nenhum*, nenhuma meta, isto é, não se pôr à busca ou à perseguição de nenhum algo previamente fixado como objetivo ou resultado final a alcançar. Formar, educar, precisa ser, sempre, *despertar* para a criação, *para a liberdade para a criação* e, então, alimentar, promover, no sentido de possibilitar ou de liberar condições de possibilidade para que se faça uma vida enquanto e como a dinâmica de um vir a ser, que virá a ser se vier (!!), isto é, se se fizer, se se conquistar em se autorealizando. Ou seja, se este próprio vir a ser, melhor, se esta própria possibilidade revelada, despertada, se fizer a si própria vir a ser – pôr-se a si própria em obra. Isso é que é *vida*, ou seja, movimento que se move a si próprio desde si próprio enquanto e como autoconquista e autorealização. Pura irrupção, pura emergência, pura transcendência – ação, atividade de liberdade na e como criação. E isso como que para a própria alegria da vida, para seu próprio gáudio. É um fazer que é, ao mesmo tempo, autoliberação e, assim, cunhagem de uma identidade ou de um próprio, à medida que afirma, como autoconquista, a diferença que é.

Educação, formação, portanto, como um pro-mover, que é *cuidar* para que um tal poder-ser venha a ser. E isso quer dizer: atenciosamente, cuidadosamente, mas de modo largado e despojado, deixar ser o que *precisa ser*, precisa vir a ser. Isto constitui o movimento de forma (= gênese ontológica) vindo a ser forma, fazendo-se forma. Forma e/ou essência. Educação, formação, portanto, é essencialização, realização ou concretização de poder-ser, que é a essência do homem enquanto e como liberdade de, melhor, *p a r a* criação. Cultura, cultivo da espontaneidade: deixar ser o que precisa ser, precisa vir a ser. O educador precisa ser *este ‘cura’*, este *curador*. O computador não vê, não sabe, não *pode* isso. Sobretudo, ele não *pode* ver, saber isso. Isto transcende a informação, o *cálculo*, pois é de outra ordem, de outra natureza. Interpõe-se aí um salto, um *salto qualitativo*, que abre o âmbito próprio da humanidade do homem, o âmbito de criação e de liberdade. Melhor e mais precisamente: *de liberdade para criação*.

9. Assim se cumpre um educar, um formar, que é “deixar aprender”, isto é, um ensinar que é fazer com que se aprenda o aprender¹.

Aprender a aprender não é, como hoje às vezes se diz e eu já ouvi de um *experto*, aprender (subentenda-se: ser destro e hábil na arte de!) a colecionar informações;

¹ Sobre ensinar como “deixar aprender”, assim como ensinar e aprender, de modo geral, ver Heidegger, M., *Was heisst denken?*, Tübingen: Niemeyer, 1971, p. 50 e também *Que é uma coisa?*, Lisboa: Edições 70, 1987, p. 75 a 82, principalmente 79/80.

aprender (i.é, ser destro, hábil!) a, no meio da selva, das miríades de informações, separar o joio do trigo, quer dizer, no caso, discernir e separar, isolar, a informação *boa* da *ruim*, a que interessa ou é útil, da que não interessa ou é inútil, supérflua, desinteressante. Não. Aprender a aprender é, precisa ser *coisa* de outra ordem; é, precisa ser *coisa* de outra musa! E, por falar em musa, aprender a aprender é, precisa ser, como na poética de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, um insistente exercício de *desaprendizagem*. É, portanto, um insistente aprender a desaprender.

Aprender a aprender ou, como formulamos agora, aprender a desaprender! Mas é preciso perguntar: Como isso? Quem aprende a aprender, o que é que aprende? Quem aprende a desaprender, o que é que desaprende e, por isso, graças a isso, aprende ou se dispõe a aprender?! Tudo isso, no entanto, começa a se esclarecer quando se entende o que é aprender.

Tal aprender é, na verdade, entrar no movimento de um fazer, de uma ação; conquistar, assim entrando, a força de um fazer, a dinâmica de uma ação ou a própria ação da ação – uma autêntica *formação*. É, a partir do feito, do dado, p. ex., a informação, conquistar a força do fazer. Na verdade, é ser tocado e tomado por tal força, por tal poder e apropriar-se disso, qual seja, colocar-se sintonizado e sincronizado com tal movimento, ser “*in statu nascendi*”. Assim vai acontecer o transformar, o criar, o procriar.

Aprender a aprender não é, pois, ser dotado de uma certa destreza para escolher, não é ser capaz de uma certa *técnica* para distinguir e selecionar (escolher, decidir sobre) informações *boas*; não é ser esperto, i. é, *vivo*, *sabido*, e experto na selva da informática, no infundável tecido da *rede*. Ao contrário, aprender a aprender é ganhar a disposição de insistentemente perder o feito (i.é, o dado, a informação) *a favor do fazer*, a favor do criar, do acontecer de vir a ser, enfim, do pro-criar. É isso, a saber, o feito, o dado, a informação, que é sempre, a cada passo, perdido, *esquecido* – *desaprendido*. Para Caeiro, que mencionamos acima, é perder, *esquecer*, “desaprender” o sinal, o símbolo – a informação!

Portanto, quando se aprende a aprender não se aprende *coisa* nenhuma, não nos fazemos donos de nenhum dado, de nenhuma informação; não nos tornamos proprietários de nada fixado ou registrado como regra ou norma de controle, mas *subitamente* nos transpomos ou somos transpostos, transportados para uma dimensão, para um modo de ser, que não é nada, que não é *coisa nenhuma*, mas tão-só um participar e um co-fazer o movimento do nascer ou do fazer-se disso que se faz tal como se faz, tal como se *quer* fazer, tal como *precisa* se fazer. Isso, este modo de ser,

constitui a própria *essência* do homem. É isso mesmo o realizar-se e consumir-se de sua liberdade, a liberdade para a criação. Cabe, na real aprendizagem, a do aprender a aprender, apropriar-se disso e tal ato é um autoapropriar-se por parte do homem, do aprendiz, para assim poder, para assim precisar vir a ser o que é, a saber, *homem, vida humana, homem humano*.

Promovendo o aprender a aprender, neste sentido, a educação promove uma *coisa ínfima*, um *algo nenhum*, que, no entanto, por menor, por mais ínfimo ou por um nada que seja, constitui o *essencial*, o só que importa, pois este ínfimo marca ou define a identidade, i.é, a diferença, do homem, o seu próprio, que é justamente não ser *coisa nenhuma* e, portanto, em hora nenhuma poder ser reduzido a coisa alguma. O homem não é coisa e, então, não pode alimentar sua hominização como se fora coisa. Ao contrário, ele precisa realimentar-se insistentemente de sua própria essência, de sua própria força ou identidade (i.é, sua diferença!), que é a liberdade – a liberdade para a criação, para a transformação, ou seja, para a alteração ou diferenciação. Educar precisa ser sempre a tarefa de renovação desta necessidade frágil, que se faz convite, indicação, aceno. Assim, educação, tal como “a divindade que mora em Delfos” (Heráclito, frag. 93), não esconde, não pode esconder nada e não revela, e não pode revelar, no sentido de escancarar, nada, mas só pode e precisa acenar – apontar, insinuar, e assim convidar para a aventura de ser coisa nenhuma e que é a aventura-homem, enquanto e como história, isto é, devir, suceder. O aceno é, precisa ser a bandeira da vida criadora – sempre o aceno e o convite para a liberdade para a criação. Fazer, co-fazer o que, desde nada, por pura doação e transcendência (graça!), se faz. Nisso, com isso, a informação é o que precisa ser abandonado, perdido, esquecido – superado. Ela se torna entulho, lixo. Como entulho, como lixo, precisa ser descartada, jogada fora. E aqui não cabe salvar, não há reciclagem – é perda total!

10. Pode-se perguntar: *quem educa, quem conduz para a criação, para a liberdade para a criação?* Não é o “professor”, não é o “graduado”, o “erudito”, o “pós-graduado”, o “doutor”, o “pós-doutor”. É, sim, o *educador*, um tipo simples, muito simples (pode perfeitamente também ser “graduado”, “doutor”!) que é, sim, *mestre*, um grande mestre e que, silencioso, discreto, praticamente despercebido, tal como “passo de pombo, que traz grandes acontecimentos assim como grandes pensamentos” (Nietzsche), e ainda tal como a já mencionada divindade de Delfos, que nem esconde e nem escancara, mas acena, *só* acena. Quem tem olhos de ver, que veja! Quem tem ouvidos de ouvir, que ouça! Insinua, acena, aponta e assim rege, assim dirige – silencioso, manso, imperceptível. Sobretudo ele, também ele sobretudo, ouvindo, obedecendo, seguindo... silencioso, manso, imperceptível.

Finalizando, este *quem* educa, conduz, não é tampouco, principalmente não é o *cara* que, como eu, aqui, fica a falar, a tagarelar sobre criação, liberdade, educação. O verdadeiro mestre, o verdadeiro educador jamais fala nisso, disso. Não precisa. Não pode. Não é o caso... Falando, vindo desde grave experiência, disse Heidegger que, na presença de um grande, de um autêntico mestre, de um grande, de um autêntico educador, tem-se sempre a impressão que se está diante de nada, de ninguém e que, na verdade, não se aprende *coisa* nenhuma...